

"O Globo" - 23. 11. 60

A CRÔNICA de Rubem Braga

O QUE MUDOU

(Paris, novembro).

DEPOIS de dez anos de ausência não esperava encontrar grandes mudanças em Paris; a cidade é, Deus seja louvado, a mesma, e algum ou outro edifício novo, como a sede da UNESCO, não lhe altera a fisionomia. O que aumentou prodigiosamente foi o número de automóveis; os pequenos carros estão hoje ao alcance de qualquer pessoa da classe média e dos operários mais bem pagos. É evidente que o número de garagens não cresceu na mesma proporção: dezenas de milhares de carros dormem na rua.

Em 1950 ainda havia muitos daqueles velhos táxis altos e quadrados, alguns, por mais incrível que pareça, veteranos da batalha de Verdun, na Primeira Grande Guerra. Sumiram todos. Sumiram como estão sumindo aos poucos aquelas graciosas armações de ferro e bronze das estações de "métro". Uma delas, a de Montparnasse, foi posta na entrada da exposição "As fontes do Século XX", no Museu de Arte Moderna, como símbolo da "arte nova".

Em matéria de restaurante também há novidades: surgiram algumas "cafeterias" no estilo de Nova York, embora geralmente menores e menos movimentadas; é até mesmo, perto da Etoile, um "drug store", que me dizem ser empate de capital de Brigitte Bardot, feito pelo seu sensato pai. Mas com tudo isso continua difícil, em certas horas, encontrar lugar nos grandes restaurantes e nos pequenos "bistrôs" que há por toda parte.

Ah, também houve outra mudança, e esta bem triste: o custo da vida. A culpa será em grande parte de nosso cruzeiro, cada vez mais desvalorizado; mas não é toda. Paris é hoje uma das cidades de vida mais cara do Mundo, e dá para doer até no bolso do americano: os turistas se demoram agora aqui menos do que antigamente.

No mais, o que mudou não foi a cidade, foi o visitante — em 1950 ainda meio metido a rapaz... Mas disto não convém falar.

1483